



Que cidade é essa?
Uma análise das representações do espaço urbano nos jornais populares e nos jornais de referência¹

Francislene Pereira de PAULA²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente trabalho nasce da percepção do lugar que os meios de comunicação ocupam na construção de discursos sobre o espaço urbano contemporâneo. A cobertura jornalística diária contribui para que imagens urbanas sejam forjadas, num processo que envolve escolhas, disputas de poder e criação de narrativas, que, por vezes, são evocadas de acordo com interesses específicos. Assim, pretendemos entender qual o papel dos jornais impressos na construção dessas narrativas e os as representações dessa cidade na visão dos jornais de referência e na dos jornais populares, que, ao menos simbolicamente, circulam em lugares diversos.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; identidade; representações; jornalismo; impressos.

Introdução

No dicionário Aurélio, o verbete *cidade* é conceituado como um “complexo demográfico formado por importante concentração populacional não agrícola e dada a atividades de caráter mercantil, industrial, financeiro e cultural; urbe”. Para estudiosos do campo das ciências sociais, interessados nas relações que as cidades possibilitam, bem como sua influência na definição das subjetivas modernas, o conceito de cidade está além da questão geográfica, se configurando como o lugar, por excelência, da construção de fidelidades, pertencimentos e partilhamentos de bens comuns.

As cidades se apresentam como verdadeiros espaços de identificação, no qual a questão territorial já não é mais central. É um ambiente vivo, constantemente apropriado e revisado por seus habitantes, que, dessa maneira, buscam a construção de um lugar próprio, num processo que envolve intervenções humanas e conformação de um imaginário, ou seja, das ideias e dos símbolos de determinados grupos. A partir da

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Mestranda do PPGCom da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Linha de Pesquisa: “Comunicação e Identidades”. Orientação: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal. Email: franzete@yahoo.com.br



conformação desses imaginários, é possível o estabelecimento de laços afetivos/subjetivos com os espaços físicos.

A revista *Vida Simples* de setembro de 2011 traz, na seção “Picadinho”, a experiência do coletivo francês Démocratie Créative, da cidade de Strasbourg (França), que “propõe a transformação do espaço público a partir de uma forma mais divertida de usar a cidade” (*Vida Simples*, set/2011, p. 12). Os integrantes do grupo aproveitaram uma madrugada para, munidos de estêncil, tinta spray e fitas adesivas, instalar labirintos e amarelinhas nas calçadas, sugerir cestas de basquete com as latas de lixo e fazer dos bueiros alvos a serem atingidos. Nascido sem pretensões, o movimento tomou a cidade de instalações lúdicas que instigavam as pessoas a jogar e a agir no espaço urbano. “Essa apropriação do território possibilita a participação de pessoas de todas as idades, que tomam as ruas com a espontaneidade que estamos acostumados a ver apenas nas crianças”, narra a revista. O coletivo foi convidado pela prefeitura local a trabalhar em uma campanha de incentivo à caminhada pelo centro da cidade, ao invés do uso do carro, numa parceria entre o serviço público e intervenções privadas.

Esse é apenas um exemplo das intervenções humanas que podem ocorrer no espaço urbano, com o objetivo de fazer do mesmo um lugar de encontro entre as pessoas, um espaço de efervescência social e cultural, onde se dão os encontros, fervilha a diversidade e, sobretudo, se forma a subjetividade dos indivíduos. De fato, a cidade contemporânea comporta todas as tribos, se diferenciando das relações homogêneas mais presentes nos espaços rurais, por exemplo. A alteridade encontra espaço para seu desenvolvimento, em relações que envolvem colaboração e competição, em um fluxo constante de pessoas, ideias e bens materiais.

Nascidas no embalo das revoluções industriais, as cidades, e suas funções, passaram por transformações significativas ao longo dos séculos. Desde que se tornou lugar de habitação para os trabalhadores das fábricas modernas, as cidades têm se mostrado como verdadeiros ambientes vivos de interação e de conformação de identidades. Foram as aglomerações urbanas que possibilitaram o advento da imprensa, por exemplo, bem como a complexificação da divisão social do trabalho. É nas cidades que a diversidade começa a tomar forma e as identidades individuais – antes estabelecidas pelos senhores feudais, pela Igreja, ou outra instituição de caráter absoluto – se formam no contraditório e na convivência com o diverso.

A noção mesma de cidadania está atrelada ao surgimento das cidades, pois saímos de uma perspectiva de vassalagem para a de sujeitos de direito.



Concomitantemente, as identidades individuais começam a ser levadas em consideração e passam por mudanças em sua forma de apreensão. Stuart Hall pontua essa evolução apresentando as três concepções de identidade: Sujeito do Iluminismo, que, numa visão individualista, baseia-se na concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado; Sujeito Sociológico, indivíduo formado na relação com o outro, na perspectiva do interacionismo simbólico; finalmente, Sujeito Pós-Moderno, possuidor de várias identidades, algumas contraditórias entre si. Identidade vista como algo móvel, definida histórica e não biologicamente, como se acreditava (HALL, 2000).

O momento atual, para o autor, se configura pela mobilidade. As identidades, longe de serem conformações biológicas, genéticas, são construções discursivas, resultados de escolhas sobre o que demonstrar e o que ocultar, em um processo pautado na realidade, mas com consequências na subjetividade de cada indivíduo. Essa fluidez e possibilidades de identidades encontram nos meios de comunicação o lugar para se efetivarem, tendo em vista que esses meios oferecem o material necessário para que as identidades atuais sejam forjadas.

Assim como as pessoas, as cidades se constituem, simbolicamente, nos discursos. Como apontamos no início do texto, muito mais que espaços físicos as cidades têm se mostrado como organismos vivos, formada pelas identidades de seus habitantes e formadora das mesmas. Os lugares têm identidade própria e essa identidade, fator presente no imaginário coletivo, tem reflexo na vida prática, na objetividade desse lugar. Podemos citar a especulação imobiliária como um desses reflexos, já que existem lugares que são mais valorizados que outros, o que se deve, em parte, pela “reputação”, pela imagem que fazemos desse lugar. Da mesma forma, os moradores desses lugares também têm sua identidade perpassada pela imagem do lugar. O contrário também acontece. Não é raro vermos discursos estigmatizadores sobre moradores de favelas – que são locais estigmatizados –, por exemplo. A identidade do local se confunde com a de seus moradores.

Diante disso, julgamos importante analisar como se dá a construção discursiva de duas capitais brasileiras – Belo Horizonte (MG) e Rio de Janeiro (RJ), em quatro jornais impressos, a fim de entender quais cidades estão presentes nas páginas desses jornais, bem como os espaços urbanos que estão sendo disponibilizados para os leitores desses jornais. Tomaremos, para a realização do trabalho empírico os jornais cariocas *O Globo* e *Meia Hora* e os mineiros, *Estado de Minas* e *Super Notícia*. Essa divisão é proposital, tendo em vista que acreditamos que a cidade presente e os lugares



disponibilizados aos leitores nos jornais considerados de referência – *O Globo e Estado de Minas* – é diferente daquela encontrada nos jornais de perfil mais popular – *Meia Hora e Super Notícia*.

Nas próximas seções, discutiremos a relação entre identidade e cidade, os principais pontos de diferenciação entre os jornais de referência e os jornais populares e como isso pode influenciar na conformação de imaginários sobre determinados espaços físicos. Também analisaremos as possíveis implicações desse imaginária na conformação das identidades dos moradores desses espaços. Será que a cidade das classes A e B (leitora por excelência dos jornais de referência) é diferente da cidade das classes C e D, que se informam, preferencialmente pelos jornais populares? Se sim, como os jornais, preferencialmente lidos por um ou outro público podem contribuir para que haja segregação espacial, que, acreditamos, está atrelada à segregação social.

Identities and cities: tell me where you live, and I will tell you who you are

Como já começamos a apontar na introdução, dialogamos com a perspectiva dos Estudos Culturais, que apresentam a identidade, seja de pessoas, de organizações, de nações, ou de cidades, como construções discursivas, narrativas que se formam. Por ser construção, narração, fruto de escolhas (conscientes ou não), essa identidade perde a noção de perenidade, podendo ser transformadas de acordo com os elementos destacados para a consolidação do discurso. Em suma, identidades são fluidas, cambiantes, formadas no contexto social e não estabelecidas na natureza.

Nesse sentido, não estamos lidando com questões geográficas ou cor da pele de um indivíduo, por exemplo, que poderiam ser acionadas na definição identitária de uma nação ou de uma pessoa. O nosso interesse é pela identidade subjetiva, a produção de sentidos que se dá na interação humana. Stuart Hall aponta, no início da discussão sobre indivíduos em situação de diáspora, que “a cultura é uma produção (...). Não é uma questão de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 44). Assim, não somos brasileiros, mas, nos tornamos brasileiros. Esse *tornar-se* se dá na inserção no contexto social brasileiro, onde apreendemos os códigos e os sentidos definidores da brasilidade.

A própria noção de brasilidade se constitui na produção discursiva que nos diferencia dos demais países e nações. Benedict Anderson afirma ser a nacionalidade “um artefato cultural de um tipo peculiar” (ANDERSON, 1989, p. 12), que, entre outras funções, oferece legitimidade emocional aos membros dessa nação. Para o autor, a profecia de que o tempo dos nacionalismos estava chegando ao fim nunca esteve tão



longe de se realizar, pois o *nation-ness*, expressão utilizada para nacionalismo/nacionalidade, constitui o “valor mais universalmente legítimo na vida política de nossa era” (ibidem, p. 11).

Um dos conceitos mais completos do autor e, por isso, mais apropriados por outros intelectuais que estudam a questão das identidades contemporâneas é o de “comunidades imaginadas”. A dificuldade em definir o que seria a nação levou Anderson a conceituá-la como *imaginação*, tomando o cuidado para que não seja confundida com falsidade, por exemplo, mas como criação. A nação é imaginada porque, embora exista a ideia de comunhão, de partilhamento de algo comum, os membros dessa comunidade nunca conhecerão a maioria das pessoas que a compõem e, mesmo em comunidades menores, onde há essa possibilidade, os indivíduos precisam criar laços de união, que vão além do parentesco. Para que a ideia de comunidade e de nação se estabeleça, um sentido único precisa perpassar essas mentes.

De maneira geral, essa imaginação carrega em si três elementos. O primeiro é a *limitação*, tendo em vista que as nações se veem como algo separado de outras localidades e não como algo extensivo à humanidade. A extensão faria com que a nação perdesse sua individualidade, fator primordial para sua existência enquanto tal. Se toda humanidade fosse entendida como uma massa única, não faria sentido a diferenciação, nem a delimitação de fronteiras e moedas, por exemplo. O segundo elemento é a *soberania*, concretização do sonho de liberdade de cada nação. A soberania é a garantia de que outras nacionalidades respeitarão essa liberdade. Por fim, essa imaginação carrega em si a noção de *comunidade*, um companheirismo inerente entre os membros dessa nação, a despeito das desigualdades presentes.

Se toda nação é imaginada e se toda imaginação se dá com base nesses elementos, o que diferencia uma nação da outra? Para o autor, essa distinção está no estilo de imaginação de cada nação. Esse estilo, baseado no real-histórico de cada localidade, definirá o papel dessa nação na grande engrenagem mundial, definindo sua identidade e, conseqüentemente, a identidade de seus habitantes. Quando pensamos em um francês, um alemão ou um norte-americano, traços de personalidade são evocados, baseados no senso comum – outro conceito-chave – que trazemos em nossas mentes.

Toda essa discussão mais ampla sobre a formação das nacionalidades pode ser trazida para nossa discussão sobre cidades e seus discursos e identidades. Assim como as nações, que são imaginadas de forma diferenciadas e, portanto, entendidas de forma diferenciadas, as cidades e, mais especificamente, seus bairros e regiões também o são.



De certa forma, as cidades possuem identidades que a diferenciam e fazem com que cumpram determinados papéis na economia, na sociedade e na cultura. Por exemplo, São Paulo é conhecida como a “cidade que nunca dorme”, por causa da intensa vida cultural, enquanto o Rio de Janeiro é chamada de “cidade maravilhosa”, muito por sua beleza natural.

No entanto, mais que expressões sobre o que, de fato, uma cidade é, sua identidade se configura na construção discursiva sobre a mesma, configura-se no imaginário. A imprensa, que nasce junto com as primeiras cidades, cumpre, desde então, esse papel de construção narrativa, de conformação de um imaginário social e de local privilegiado de circulação dos discursos. José Afonso da Silva Junior aponta que a imprensa e as cidades vivem uma relação simbiótica, já que “o fenômeno da vida nas cidades alimenta o fluxo de notícias, ao passo que, na contrapartida, como a representação noticiosa ajuda a formação de uma imagem social da cidade como território de transformações” (SILVA JUNIOR, 2008, p. 137-138).

O autor continua seu argumento apontando que o jornalismo encontra na cidade um sistema propício de circulação de notícias e a cidade vê o jornalismo como uma atividade que referencia suas dinâmicas. Essa relação se estabelece com mais propriedade com a evolução do jornalismo, que deixa de seu caráter doutrinário e opinativo para se tornar uma espécie de relato da “factualidade cotidiana” (ibidem, p. 139). Essa factualidade, o cotidiano ali vivido, é a matéria-prima principal para o estabelecimento da identidade da cidade em questão, permitindo a imaginação dessa cidade e o estabelecimento de sua marca identitária que, seja positiva ou negativa, se constitui no recorte, não dando conta da realidade toda daquele local.

Esse recorte é responsável pelo estabelecimento dos estereótipos, conceitos simplificadores que nos ajudam a organizar a vida social, já que não vivemos mais em clãs ou em tribos pequenas onde todos são conhecidos. Podemos entender os estereótipos como atalhos cognitivos que nos permitem interagir face a face, uma vez que carrega códigos implícitos. Assim, quando nos deparamos com um carioca, logo estabelecemos um sentido ligado à malandragem, à “malemolência”; ao passo que os mineiros são conhecidos como possuidores de um jeito capiau e pelo jeito desconfiado, por exemplo. Pela naturalidade dos indivíduos imagina-se suas características subjetivas, num exercício simplificador e, por vezes, generalizador.

Christina Musse (2008) e Ana Lúcia Enne (2007) são duas autoras que buscam elucidar as formações discursivas sobre as cidades e a consequência dessa formação na



definição das identidades de seus moradores. Musse debruça-se sobre a história da cidade mineira de Juiz de Fora apontando, no real-histórico, os elementos escolhidos, separados, para fazer parte dessa formação narrativa. Já Ana Lúcia faz um trabalho semelhante com a região da Baixada Fluminense.

Musse apresenta como a história de desenvolvimento da cidade mineira foi sendo recortada para a construção narrativa e identitária da mesma. Assim, a construção das estradas, a chegada de estrangeiros e o desenvolvimento industrial e a urbanização precoce serviram de base para a formação de uma identidade calcada no pioneirismo e no ufanismo sobre a vocação de Juiz de Fora para ser uma cidade a frente de seu tempo. O desenvolvimento progressista e os discursos sobre a cidade estavam entrelaçados à atuação da imprensa, que servia para difundir e inculcar o ideal de civilização e o pioneirismo, apresentado como algo inerente ao município.

O que a autora apresenta é que, se de um lado, todo esse pioneirismo de fato existiu, também existiu na cidade fatos que foram excluídos desse discurso oficial, como o grande número de escravos presentes na cidade, bem como o crescimento sem controle ali presenciado, que levou a um péssimo estado sanitário e a um aumento da violência, situações que não mereceram lugar na história de vanguarda da cidade. A imprensa, nesse sentido, tem um papel fundamental na circulação desse discurso ufanista, que exaltava a cidade e seus progressos e ocultava as mazelas desse mesmo desenvolvimento.

Da mesma forma, Ana Lúcia nos apresenta que a noção da Baixada Fluminense como um lugar violento, que por muitos anos vigorou entre os brasileiros, tem fundamentos na realidade sócio-histórica – de fato, a região viveu momentos de grande violência e marginalidade, com a ação, inclusive, de grupos de extermínio –, mas não representa o “destino final” daquela localidade. Esses fatos serviram para que uma imagem estigmatizada da Baixada fosse estabelecida no imaginário social, fazendo com que o senso comum veja os municípios que a compõem como lugares marginalizados, de criminalidade e exclusão social.

Assim como Musse, Enne aponta que os discursos que conformam as identidades sobre o lugar têm sua base na história, que é utilizada de acordo com os projetos em curso, o que ela denomina como “drama social”, tendo em vista que as memórias, os projetos e as representações são fundamentais para os jogos de construção e desconstrução das múltiplas identidades sociais (ENNE, 2007, p. 113). Ela destaca que a construção identitária se dá no conflito, no qual determinados fatos são ressaltados



e outros eclipsados, na tentativa de marcar/caracterizar esse local. Muitas vezes, como Enne apresenta em seu trabalho sobre a Baixada, essa caracterização se dá de forma estigmatizada, em que os fatos ressaltados compõem uma imagem negativa do local.

Um local com identidade negativa, estigmatizada, acaba por transferir o estigma para seus moradores, que carregam o peso da marca apenas por morarem no local. Não é raro vermos militantes ou simpatizantes das causas sociais afirmando que nas favelas cariocas, por exemplo, a maioria das pessoas é trabalhadora, não tendo envolvimento algum com o tráfico, como preconiza as leituras generalizantes sobre o local. O contrário também acontece, moradores de regiões nobres, valorizadas econômica e culturalmente, são vistos, *a priori*, como nobres, como pessoas de “bem”.

E onde circula essa “visão”, o senso comum? Nos meios de comunicação, de modo especial. Dessa forma, julgamos necessário analisar como as cidades estão sendo narradas nos jornais impressos de duas grandes cidades, por meio de publicações que circulam em locais diferentes e se preocupam com parcelas diferentes da população. Assim, analisaremos as editoriais de “Cidade”³ dos jornais cariocas *Meia Hora* e *O Globo*, e dos mineiros *Estado de Minas* e *Super Notícia*, com o objetivo de entender como a mesma cidade está sendo construída discursivamente em jornais que circulam, preferencialmente, nas periferias (*Meia Hora* e *Super Notícia*) e nos centros (*O Globo* e *Estado de Minas*). Como os locais são representados? Quais lugares estão disponibilizados para os leitores desses jornais e quais relações de alteridade depreendemos dessa análise? Essas são algumas perguntas que norteiam nesse trabalho.

Formação discursiva nos jornais: estamos falando da mesma cidade?

Os jornais impressos, desde sua criação, assumem papel de ator social, de catalisadores (ou formadores) da opinião pública e passaram por diversas transformações ao longo dos anos. Para o presente trabalho, utilizaremos, comparativamente, duas categorias de jornais: jornais de referência e jornais populares. Acreditamos que esses jornais têm públicos preferenciais diferentes e circulam em locais diferentes, o que faz com que a cobertura das mesmas cidades se dê sob ângulos diversos. Não entraremos na discussão sobre qual ângulo é mais “correto”, pois nem sabemos se existe um jeito correto de se olhar para um fato. A discussão que nos

³ Ou correspondentes.



interessa é sobre as representações ali engendradas sobre as cidades escolhidas, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

De maneira sucinta, os dois tipos de jornais carregam em si algumas características, que os distinguem. Márcia Franz Amaral (2006) apresenta duas matrizes culturais encontradas na imprensa brasileira, que poderiam explicar as diferenças entre os jornais: a matriz racional-iluminista e a matriz dramática. Na primeira, presente no jornalismo de referência, encontra-se elementos como a razão, o progresso, a educação e a ilustração. Daí a preferência por assuntos tidos como estratégicos, como política, economia, política internacional, políticas públicas.

Já na matriz dramática, predominante no jornalismo popular contemporâneo, a ênfase está nos dramas humanos, nas histórias sanguinolentas, na escolha por temáticas não estratégicas ou relevantes para o espaço público ali definido e na apelação para a subjetividade do leitor. Por essa matriz, o mundo se configura de forma maniqueísta (bem e mal, ricos e pobres), trazendo uma linguagem pobre em conceitos, mas rica em imagens, onde os conflitos sócio-históricos são apresentados como interpessoais (AMARAL, 2006, p. 72).

Diante de matrizes diferentes, como são produzidas as representações sobre as cidades sobre a qual falam? Lembrando que jornais e cidades vivem uma relação de interdependência, quais fatos estão alimentando a atividade jornalística nos jornais de referência e quais fatos são privilegiados nas coberturas dos jornais populares? Esses fatos são a matéria-prima para a configuração de sentidos dessa cidade e, indo além, criam representações sobre a cidade e seus habitantes, ao mesmo tempo em que criam imagens sobre esses espaços. Imagens essas que serão apresentadas aos seus leitores e comporão parte da subjetividade dos mesmos sobre a cidade e sobre si mesmos.

Escolhemos para a análise as edições de domingo, dia 15/01/2012, dos jornais *O Globo* e *Meia Hora*, e *Estado de Minas* e *Super Notícia*. Pelos conteúdos ali presentes buscaremos entender como tem se dado a produção de sentidos sobre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, sob a perspectiva de um jornal popular e de um jornal de referência. Tendo em vista que a formação identitária é permeada pelos conflitos, vamos tentar averiguar quais disputas discursivas estão sendo travadas na imaginação dessas cidades.

Rio de Janeiro: turismo e violência em foco

Como apontamos na primeira parte do trabalho, a identidade de uma cidade, mais que resultado das características físicas ou geográficas, está relacionada ao



imaginário criado sobre dessa cidade. O Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, nos remete à praia, ao carnaval, à natureza exuberante, aos pontos turísticos importantes, mas também nos lembra as favelas, a violência urbana, entre outros. Essas características fazem parte das nossas lembranças e atalhos cognitivos sobre a cidade carioca, incutidas em nós, principalmente, pelos meios de comunicação.

Os jornais impressos têm um papel importante nessa disseminação das imagens responsáveis pela *imagem* que fazemos da cidade. E cada jornal apresenta uma imagem diferenciada da cidade. Mesmo na cobertura de um mesmo fato, a representação ali presente pode ser diversa. Isso foi o que pudemos observar ao analisar os conteúdos dos jornais *O Globo* e *Meia Hora*. O primeiro jornal, que se inscreve sob a rubrica de “jornal de referência” tem 87 anos e está entre os principais jornais do país. É um jornal com circulação nacional, mas com foco na cidade do Rio de Janeiro e na Grande Rio.

No domingo analisado, o jornal não trouxe muitas notícias factuais, mas análises e desdobramentos de acontecimentos que repercutiram durante a semana. Podemos dividir as notícias em quatro grandes blocos temáticos: carnaval, obras, turismo e violência. A primeira notícia de cunho local é sobre o esquema de lavagem de dinheiro envolvendo dirigentes das escolas de samba cariocas, acusados de usar o dinheiro do jogo do bicho e de máquinas caças níqueis para a realização dos desfiles. A outra notícia envolvendo o carnaval apresenta os enredos que têm o Nordeste como temática, a programação dos blocos, que constituem uma alternativa ao desfile da Sapucaí, e também o crescimento do carnaval virtual, que conta com desfiles que acontecem somente pela internet.

No bloco que traz notícias sobre obras, há uma extensa reportagem sobre as chuvas que assolaram a região serrana no ano de 2011 e como empresas se valem do que o jornal chama de “indústria da enchente”. A reportagem apresenta a morosidade do Estado para realizar as obras de reconstrução das áreas afetadas, como Paraíba do Sul e Niterói. A construção do Túnel Grota Funda, na Zona Oeste é outro fato noticiado pelo jornal, que apresenta as inovações tecnológicas presentes no túnel, como painéis de regulação da iluminação e proteção para encostas.

Quando o assunto é turismo, o jornal apresenta uma espécie de denúncia sobre as placas de sinalização da cidade que, são mal localizadas, em número insuficiente, além de estarem somente em português, o que prejudicaria a mobilidade dos turistas estrangeiros de forma autônoma. A outra matéria é sobre o funcionamento dos pontos turísticos, que não acompanham o horário de verão, quando o dia fica maior, fechando



cedo, e “frustrando” os visitantes que estão de férias. Para fechar o bloco turismo, uma pequena matéria apresenta o projeto Verão Rio⁴, que funciona na orla de Ipanema e oferece massagens, sorvetes, empréstimos de cadeira e faz sorteio de brindes, de forma gratuita para os banhistas.

Por fim, a temática da violência urbana mereceu o menor destaque entre os blocos temáticos que destacamos nessa edição. Em uma pequena nota, o jornal noticiou a morte de um homem, encontrado em sua casa, na Barra da Tijuca. A outra notícia foi sobre a libertação de um ex-comandante do 7º Batalhão de São Gonçalo, que está sob acusação de participação em um esquema de propinas do tráfico e passou algumas horas preso.

De maneira sucinta, podemos apreender, com a leitura d’*O Globo*, uma cidade que enfrenta problemas, como o caso das enchentes e da lavagem de dinheiro do jogo do bicho, mas, principalmente, uma cidade que tem vocação para a oferta de lazer, já que o carnaval carioca ganha grande destaque, assim como a problemática do turismo. As reportagens sobre turismo, de maneira especial, apontam que o poder público precisa estar atento para não perder turistas, oferecendo a infraestrutura necessária para receber o maior número de pessoas. Denunciar problemas relacionados ao turismo parece-nos uma maneira de ratificar a importância da atividade turística para a economia local⁵.

Se n’*O Globo* a violência urbana não ganha destaque e as representações sobre o Rio de Janeiro estão mais voltadas para o lazer e a diversão, no jornal *Meia Hora*, observamos a representação de uma cidade essencialmente violenta. Com sete anos de existência, o jornal popular nasce com o slogan “nunca foi tão fácil ler jornal”. As editorias de polícia, esportes e celebridades ocupam a maior parte das páginas do jornal e, embora também tenha circulação em todo o Estado, e também em cidades mineiras como Juiz de Fora, o foco é na cidade do Rio de Janeiro.

Como o jornal é menor, em média 36 páginas, não há material suficiente para a divisão em blocos temáticas⁶. Mas, na primeira parte do jornal, contabilizamos oito

⁴ Uma iniciativa do Globo, em parceria com a Orla Rio e a Prefeitura.

⁵ Sobre a noção de cidades como “máquinas de produzir renda” nos parece elucidativo o texto de João Sette Whitaker Ferreira, professor de Planejamento Urbano da Universidade de São Paulo, “Globalização e urbanização subdesenvolvida”, que aponta para o fato das cidades pós-modernas, inseridas na lógica do Planejamento Estratégico, estejam se transformando em mercadorias que “conseguirá atrair tanto mais investimento quanto souber aproveitar as possibilidades econômicas do espaço urbano”.

⁶ O jornal não traz uma editoria intitulada “Cidade”, trabalhando com uma editoria de “Polícia”, que será analisada, uma vez que traz notícias sobre a capital carioca.



pequenas matérias, sendo seis relacionadas à violência urbana: um homem encontrado morto na Barra da Tijuca; a morte de duas mulheres executadas em Jacarepaguá; a prisão e libertação do oficial acusado de envolvimento com o tráfico; um assalto sofrido por um ator; a prisão de quatro pessoas por assalto a taxista; a prisão de uma mulher por tráfico. A notícia sobre a investigação de lavagem de dinheiro envolvendo pessoas ligadas às escolas de samba também ganha destaque, com foco no sistema de recompensas oferecido pelo Disque Denúncia. Por fim, o jornal traz uma matéria sobre a confusão que se instalou no cadastro de vendedores ambulantes durante os dias de carnaval.

Aos leitores do *Meia Hora*, que moram ou não no Rio, é ofertada a representação de uma cidade com sérios problemas de violência urbana. É um Rio de Janeiro que sofre com as mazelas da violência urbana, com um grande número de assaltos e mortes violentas. A morte de um homem na Barra da Tijuca, que mereceu poucas linhas n’*O Globo*, foi a principal notícia do *Meia Hora* e principal manchete do domingo, ganhando bastante destaque na publicação de cunho popular. O fato é o mesmo, o que diferencia a cobertura é a opção por colocar ou não uma lente de aumento sobre ele.

Belo Horizonte: uma representação mais linear

Ao contrário das representações bem demarcadas sobre o Rio de Janeiro que encontramos nos dois jornais cariocas analisados, encontramos n’*O Estado de Minas* e no *Super Notícia* uma Belo Horizonte que poderia ser qualquer outra cidade. As imagens e narrativas contidas nos jornais não possibilitam a imaginação de uma cidade com alguma vocação. Isso pode ser atribuído ao momento pelo qual o estado de Minas Gerais estava passando: em janeiro, muitas cidades mineiras foram assoladas pelas chuvas, o que provocou destruição e morte nas terras mineiras.

O Estado de Minas trouxe, na edição analisada, um especial sobre as chuvas do início do ano, com o nome “Chuva em Minas”, apresentando a fragilidade do solo da capital mineira, colocando toda a cidade em alerta, tanto os bairros nobres, quanto as áreas menos valorizadas. Também uma matéria sobre as possíveis causas das enxurradas e a alteração do Código de Obras pela Prefeitura de Belo Horizonte. Por fim, soluções para construções que respeitem a natureza, a fim de evitarem a repetição das tragédias, apresentando um guia do que seria uma “cidade ideal”. A editoria “Gerais”, correspondente à Cidade, ainda traz duas notícias que não estão, relacionadas à chuva: a



programação especial de atividades nos parques da cidade e o Festival Internacional de Esculturas em município no Campo das Vertentes.

A temática da chuva, acreditamos, deixou a cobertura jornalística sobre Belo Horizonte e as demais regiões, um tanto quanto atípica. De fato, as tragédias costumam eclipsar os fatos cotidianos, fazendo com que outras representações sejam engendradas, tirando a normalidade das representações que ali podem ser encontradas. O ordinário, responsável pela disseminação das imagens presentes no senso comum, dá lugar ao extraordinário. Mas, ainda assim, conseguimos apreender a imagem de uma cidade que precisa se reinventar para não continuar sofrendo⁷, dos mais ricos aos mais pobres, com a queda de barrancos. Escreve o repórter Mateus Parreiras, a “situação aflige ricos e pobres de forma democrática na capital mineira”.

Já o jornal *Super Notícia*, seguindo a linha dos jornais populares, trabalha mais com o factual. Assim, noticia o acidente provocado por um motorista embriagado; as prisões em decorrência da Lei Seca; os protestos dos moradores de um bairro, por causa de uma rua interditada por risco de desabamento; informações sobre um assassinato provocado por ciúmes; a prisão de ladrões. Também trata das chuvas em Minas Gerais e do aumento de usuários do metrô da capital mineira. De maneira geral, o popular mineiro apresenta uma cidade não demarcada apenas por uma característica, a violência, por exemplo, apresentando mais possibilidades de se imaginar Belo Horizonte.

De certa forma, a Belo Horizonte disponível aos mineiros leitores do *Super* ultrapassa as fronteiras da periferia, ou dos casos policiais. A reportagem sobre a manifestação dos moradores do bairro Buritis apresenta a mobilização dos moradores daquele bairro em prol de um benefício comum, tendo como uma das fontes, a presidente da associação do bairro. A reportagem sobre o aumento de usuários do metrô também demonstra uma preocupação do jornal com questões que vão além da violência, dedicando espaço a um dos principais desafios das cidades contemporâneas, a mobilidade urbana.

Considerações

Partimos do pressuposto de que jornais diferentes circulam em locais diferentes e são lidos por pessoas diferentes. Assim, embora esteja falando da mesma cidade, e até do mesmo fato, essa diferença de circulação e de leitores possibilita que imagens

⁷ O gerúndio aqui nos parece apropriado, já que a situação é recorrente.



diversas dessa cidade sejam pintadas. É como se fosse um mosaico, uma colagem que, vista como um todo, faz sentido, tem significação. A formação identitária pelo conflito, como nos apresenta Ana Lúcia Enne, é elucidativa para o entendimento das diferenças que encontramos nas narrativas sobre um mesmo lugar. O que será escolhido para fazer parte do discurso oficial e o que será deixado de lado faz parte do projeto por trás dessa construção discursiva. Qual cidade queremos representar para quem é de fora? Quais representações queremos oferecer para os moradores da cidade? Quais são os espaços que apresentamos e disponibilizamos a eles?

O Rio de Janeiro não é a mesma cidade para os leitores d'*O Globo* e os leitores do *Meia Hora*. O primeiro jornal dedica especial atenção à questão do turismo, apresentando as opções, questionando o horário de funcionamento, e se preocupando com a locomoção dos turistas estrangeiros na cidade. Esse é um Rio convidativo por excelência, que precisa estar preparado para não perder sua vocação turística, um fator crucial para sua economia. O Rio sediará importantes eventos – desde a Rio +20, ainda esse ano, culminado com as Olimpíadas e Paraolimpíadas em 2016 – e não pode deixar furos na organização dos mesmos e no recebimento dos turistas.

Essa preocupação do jornal se estende aos seus leitores, que são frequentadores (pelo menos em potencial) dos pontos turísticos e entendem a importância da atividade para os negócios. Violência, ainda existe, mas na forma de fatos isolados e não mais como algo determinante e, portanto, merecedor de destaque nas páginas do jornal de domingo. A violência já não é mais a representação preferencial da cidade para o jornal *O Globo*. Como já apontamos, a edição de domingo tem um caráter mais analítico e menos factual, o que pode ter contribuído para que a violência não ganhasse tanto espaço. Ainda assim, essa nova representação não é ingênua.

De forma semelhante, percebemos que a cidade dos leitores do *Meia Hora* ainda é uma cidade permeada de forma constante, pela violência urbana. Essa chave interpretativa da cidade pode ser explicada pela relação, ainda vigente, periferia/violência, o que não deixa de ser carregado de estigma, já que a violência está presente em toda a cidade do Rio de Janeiro. Não há discussões sobre turismo, ou sobre as escolas de samba, que também estão nas periferias. Nessa edição em especial, o carnaval entra porque virou caso de polícia. Mesmo sendo um trabalho incipiente e com pouco tempo de análise, acreditamos que esse tipo de enquadramento, e de escolhas, atue como limitador dos espaços disponibilizados aos leitores desses jornais, para quem a violência é a imagem única que têm de sua cidade.



Em Belo Horizonte, talvez pela situação extraordinária causada pelas tragédias com a chuva, não encontramos uma cidade tão diferente e demarcada como encontramos ao comparar os jornais cariocas. Os jornais *O Estado de Minas* e *Super Notícia*, embora com linha editorial diversa, apresentam para seus leitores uma cidade mais linear, onde não há muita diferença nas representações. Como apresentamos, a situação das chuvas nas cidades mineiras possibilitou uma cobertura atípica, com o foco voltado para a temática no jornal de referência. Ainda assim, a capital mineira ali imaginada não se diferencia muito da capital mineira imaginada no jornal popular.

Mesmo dando ênfase maior à questão da violência, trazendo notícias sobre morte no trânsito, prisões e assassinato, o *Super* oferece uma cobertura mais ampla sobre a temática “cidade”, apresentando discussões sobre moradias e transporte público. Essas questões abrem um leque maior de discussão sobre políticas públicas e direitos sociais, por exemplo. Essa discussão mais abrangente amplia também os espaços sociais disponibilizados aos leitores da periferia, que passam a não ver seu espaço representado nos meios de comunicação apenas como um espaço de violência e exclusão social, mas como espaço possibilitador de mobilização e mudanças sociais.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ENNE, Ana Lúcia. Identidades como dramas sociais: descortinando cenários da relação entre mídia, memória e representações acerca da Baixada Fluminense. In.: RIBEIRO, Ana Paula G.; FERREIRA, Lucia Maria A. **Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- FERREIRA, João Sette Whitaker. Globalização e urbanização subdesenvolvida. In. www.scielo.br/pdf/spp/v14n4/9748.pdf . Acesso em 31/05/2010.
- HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In.: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MUSSE, Christina Ferraz. A questão da identidade na formação histórica de Juiz de Fora. In.: **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.
- SILVA JUNIOR, José Afonso da. Fluxos de notícias e cidades: redes digitais, urbanidade e o lugar do jornal. In.: PRYSTHON, Angela; CUNHA, Paulo. **Ecossistemas urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- Revista Vida Simples. Setembro de 2011, ed. 109.